

MATERNATIVAS:

Fotografias e contravisualidades de mães universitárias

Shênia Mineiro Martins

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Michelle Viana Trancoso

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Pâmela Oliveira Veras

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

MATERNATIVAS: um vídeo-ensaio

O EduStoryLab- Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Cibercultura, representado pelas autoras que se dedicam às pesquisas com narrativas digitais, propõe-se a experimentar e instaurar outros modos possíveis de produzir conhecimento. Nosso compromisso está em instituir as audiovisuais não como mero suporte ou ilustração de textos, mas como tessitura artesanal e coletiva, capaz de afetar e fazer emergir elementos historicamente desprezados pela ciência moderna — afetos, memórias, corpos e vozes.

Trata-se de apostar em formas de pesquisar que, ao incorporar imagens, sons e gestos, reinscreve formas de habitar o mundo e regulações dos corpos, colocando em evidência aquilo que a racionalidade científica tradicional relegou ao invisível. Defendemos, assim, as audiovisuais¹ como gesto estético, político e ético da investigação acadêmica, assim como a construção coletiva do conhecimento, entendida como possibilidade de restabelecer a conversa entre pensamento crítico e população em tempos de conservadorismo e negacionismo.

É nesse horizonte que se inscreve Maternativas, um vídeo-ensaio de 4'20" de Shênia Mineiro Martins, criado a partir de um ensaio fotográfico realizado em 5 de maio de 2025, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pelo Grupo de Pesquisa EduStoryLab. A ação reuniu mães da comunidade universitária com suas crianças e integra a pesquisa de Doutorado "*O cotidiano das mães na UERJ*", desenvolvida por Michelle Trancoso no Programa de Pós-Graduação em Educação

1. Suzana Kilpp propõe o conceito de "audiovisuais" a partir de três dimensões indissociáveis: uma filosófica e cultural, que reconhece suas manifestações em múltiplos contextos, para além das mídias tradicionais; uma técnica, que se manifesta na experimentação conectiva de formatos e suportes; e a das linguagens, entendidas como modos singulares de expressão e significação da experiência do mundo. Para a autora, as audiovisuais são "virtualidades audiovisuais" que se atualizam em diferentes meios, mas permanecem em constante "devir, em potência". (KILPP, Suzana. Imagens conectivas da cultura. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 19, 2010, Rio de Janeiro).

(ProPEd/UERJ)), sob orientação da Prof.^a Tania Lucía Maddalena. A pesquisa busca compreender, por meio de narrativas digitais, como as mulheres vivenciam suas maternidades e até mesmo as escolhas em torno de ser ou não ser mãe na universidade.

Nesse contexto, o ensaio fotográfico e o vídeo-ensaio se configuram como práticas de construção de memória, em que as próprias mães narram suas experiências, inscrevendo, em imagem e gesto, modos de resistir e existir na vida acadêmica. Por meio das lentes e dos encontros, produzimos narrativas que entrelaçam resistência e sensibilidade, evocando a potência das contravisualidades para tornar visíveis corpos que maternam e resistem no espaço acadêmico.

Nossas imagens ultrapassam a função de registro: não são apenas documentação, mas presença viva e provocação sensível. São também gesto e denúncia, abrindo caminhos para outras formas de existir na universidade e reinscrevendo, no espaço científico, a pluralidade das experiências que nele se movem. Cada cena busca tensionar o visível e o invisível, convocando à reflexão sobre os corpos que maternam e resistem cotidianamente nas margens e nos centros da vida acadêmica.

A construção do vídeo-ensaio parte do material fotográfico capturado com vinte mães e seus filhos nos espaços externos da UERJ, articulando múltiplas técnicas audiovisuais para traduzir a experiência em narrativa. A abertura, filmada com um iPhone 16 em modo cinema, privilegia planos abertos e em movimento para revelar o processo em ato. Com isso, as imagens do *making off* transcendem a função de registrar os bastidores e se tornam protagonistas, revelando não apenas as vozes das mães, mas a dinâmica de um grupo de pesquisa que opera coletivamente. A narração que costura essas cenas, escrita a partir da convergência de diversos relatos, configura a voz de um praticantepensante alegórico², que narra as angústias e os desafios de conciliar a maternidade com a vida acadêmica.

A inspiração veio do fotofilme experimental do Coletivo Cia da Foto, Caixa de Sapato³ (2008), que compila fotos caseiras e registros do dia a dia, criando uma espécie de colagem temporal acelerada na qual imagens passam rapidamente. O título faz referência às fotos guardadas em “caixas de sapato” que costumávamos ter em nossas casas, ressaltando o aspecto de memória afetiva. Já a escolha pela técnica de *stop motion* mostrou-se o caminho mais coerente, visto que a maioria das fotos foi feita no modo contínuo da câmera Sony A7III. Tal modo captura 11 fotos por segundo — uma frequência suficiente para criar a ilusão de movimento, considerando que os primeiros filmes usavam uma média de 16 fotogramas por segundo. Assim, o vídeo-ensaio se transforma em uma colagem digital, na qual cada fotografia ganha ritmo e deslocamento, animada pela sonoridade dos relatos em que as mães compartilham suas histórias, dificuldades e conquistas.

2. Nos termos de Nolasco-Silva e Maddalena (2022), o “praticantepensante alegórico” é uma escolha metodológica que reúne múltiplas vozes sob o signo de uma identidade única, exercendo função-informante no texto; não tem caráter biográfico, mas comunicativo e “funcionam, nesse sentido, como personagens conceituais” (grifos meus). (NOLASCO-SILVA; MADDALENA, 2022, p. 106–107).

3. CAIXA DE SAPATO. Direção: Coletivo Cia da Foto. 2008. 1 vídeo (4 min). Disponível em: <https://vimeo.com/2294240>. Acesso em: [data de acesso].

Entre a animação quase artesanal dos fotogramas, que evoca a memória, e a imagem sintética gerada por IA, que aponta para o presente, medeia-se quase um século de história do cinema. Ter à disposição tantas técnicas a serviço da criação é como ter em mãos a história das tecnologias da imagem para, com ela, narrar as histórias que a própria imagem dominante raramente contou. É um gesto que apropria-se do passado e do presente tecnológico para inscrever no futuro uma outra visualidade possível para a maternidade na academia.



As mães universitárias: fotografias e contravisualidades

Na Instituição pioneira da política de cotas no Brasil, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, as mães são invisíveis em seu banco de dados. É incontestável o desamparo que começa na precariedade de infraestrutura – com ausência de creche, brinquedoteca e fraldários –, e se agrava com tantos casos de expulsão de alunas com seus filhos pequenos das salas de aula e na sobrecarga da produtividade importa às pesquisadoras.

Afinal, as mães podem estudar, pesquisar e maternar? São diversas questões que culminam na maternidade como construção social, cuja ordem atribui à mulher a exclusividade do cuidado em uma esfera onde se deve habitar solitariamente. O maternalismo, esse grande e antigo projeto, é responsável por marginalizar/privar a mulher dos espaços sociais externos ao lar, desde a polis da Grécia Antiga (Aristóteles, 2011), o mundo do trabalho assim até da academia (universidade), nos dias atuais. E nessa “estrutura político-econômica que gera modos de exploração, marginalização e privação específicos de gênero” (Fraser, 2022, n.p), a maternidade tem sido preservada como o mecanismo de exclusão mais romantizado da história da humanidade, incutindo nas mulheres o dever do cuidado, equivocadamente associado a instinto (Iaconelli, 2023).

As fotografias e os áudios resultantes da experiência do ensaio fotográfico se destacam pelas contradições e contravisualidades. A dualidade entre a alegria presente nos registros fotográficos e as dores narradas em áudio compõe a perspectiva ch'ixi (Cusicanqui, 2010), que integra a contradição de mães felizes ao mesmo que sobrecarregadas e marcadas por diversas violências, permitindo revelar os conflitos, tensões e sentidos que o discurso colonial e maternalista esconde. Já as contravisualidades (Mirzoeff, 2016) estão presentes nas imagens das crianças habitando a universidade, desafiando todas as vozes autoritárias que insistem em recusá-las com a justificativa de que a Uerj não é lugar para elas. A alegria em estar no local onde suas mães estudam, pesquisam e trabalham fizeram-nas explorar cada espaço de forma lúdica e criativa. As mães pararam a esteira de produção capitalista para maternar onde a ordem as proíbe de fazê-lo.

Com o material audiovisual, disponível on-line em: https://www.youtube.com/watch?v=_cOPMy6kdRg, convidamos todos ao direito a olhar, recusando a ordem dominante de não haver nada para se ver naquela instituição além de jovens e adultos sentados, produzindo conhecimento apartados de suas subjetividades. Propomos uma estética que confronta o regime de visualidade excludente, reivindicando o espaço universitário como espaço de vida, cuidado, parentalidade e infância.



Pesquisar a maternidade também é uma forma de recuperar a humanidade, de debater o amor como experiência ontológica (Nogueira, 2021) que não é para ser somente entre dois indivíduos, mas entre todos.

O encontro materno na assembleia

"Que coletivo incrível!!!! Quando você acha a sua galera! Sobre ser mulher-pesquisadora- professora e mãe!"

A narrativa disparadora de uma das mães nos fez perceber a potência do encontro. Ali estávamos nós, mães e pesquisadoras, na assembleia, abertas ao encontro. Deparamo-nos com narrativas potentes e sensíveis, que foram se entrelaçando às nossas próprias histórias maternais. À medida que a assembleia nos convidava a sentir, construímos narrativas coletivas, criamos vínculos e tecemos, a partir dos afetos e das diferenças, caminhos por meio dos quais nossas pluralidades floresceram nos encontros. Assim como Didi-Huberman (2017) nos convida a pensar, a imagem não caminha sozinha: carrega consigo forças, silêncios, vozes plurais, o indizível — como a força das mães. Criamos, então, diálogos entre o vídeo- ensaio exibido no Seminário e a experiência vivida na assembleia. E assim, percebemos que a nossa narração parte do pressuposto que *"A imagem é um ponto sensível exemplar da história, do pensamento, do conhecimento, até mesmo da ação política. A imagem é o lugar onde tudo é possível, tanto o pior como o melhor"* (Didi-Huberman, 2017, p. 96-97)

Houve também espaço para o desconforto, para o incômodo que a reflexão nos convoca, em meio a emoções pulsantes. Essa experiência metodológica, acadêmica e cotidiana permitiu-nos perceber que, mesmo em territórios internacionais, as mães continuam sujeitas a violências, à sobrecarga e à ausência de políticas de permanência, assim como foi narrado pelas imagens do vídeo-ensaio e do ensaio fotográfico. Em outras palavras, nossas dores ultrapassam fronteiras e territórios. No entanto, ao costurar nossas narrativas, percebemos o quanto podemos nos fortalecer umas nas outras. A assembleia nos mostrou o quanto temos sido resistência na academia; ainda assim, a intenção não é romantizar essa vivência maternal, mas sim nos reconhecer como potência.

Tecemos redes maternais e, para além disso, nos permitimos sentir e pulsar com as nossas pesquisas por meio das performances. Esse exercício provocou deslocamentos e possibilitou uma saída da "caixa" que muitas vezes nos aprisiona e nos coloca como meras reprodutoras de práticas acadêmicas engessadas.

A partir das dinâmicas propostas, começamos a perceber o quanto a arte nos atravessa e afeta nossas pesquisas. No penúltimo dia da assembleia, tivemos a oportunidade de produzir, sentir e deixar fluir uma performance que, por meio de narrativas, fotografias, objetos e vivências enquanto mães na academia, foi tecendo formas de resistência. A imagem abaixo registra o momento posterior à nossa apresentação para os demais colegas. O muro desenhado no papel simboliza as violências e os enfrentamentos cotidianos das mães na universidade, enquanto as flores que brotam e florescem apesar das dificuldades representam a capacidade de encontrar outros caminhos, táticas de resistência e possibilidades de florescer. Assim, reafirmamos que nós mesmas somos resistência.

As performances produzidas evidenciaram tanto os atravessamentos da arte e do cotidiano em nossas pesquisas quanto às violências e ausências de políticas de permanência para mães na universidade. A representação simbólica do muro, desenhado em uma das performances, traduziu os enfrentamentos cotidianos,



enquanto as flores que brotam e florescem apesar das dificuldades representaram estratégias de resistência e possibilidades de florescer. Assim como as flores que nascem nas frestas das árvores — epífitas que encontram força mesmo nos lugares improváveis — nossas narrativas maternas também florescem em meio às fissuras da academia. É nesse espaço de resistência, no entremeio das dificuldades, que germinam outras formas de existir, resistir e produzir conhecimento.

As vivências compartilhadas na Assembleia demonstram que as dores das mães na academia ultrapassam fronteiras e territórios e até mesmo linguagens, mas também que, ao costurarmos nossas narrativas, fortalecemo-nos coletivamente. O encontro reafirmou que não buscamos romantizar a vivência maternal, mas reconhecê-la como potência política, ética e epistemológica, capaz de ressignificar práticas acadêmicas e propor novos caminhos de resistência como a arte.

Referências

- ARISTÓTELES. **A Política**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. (Saraiva de bolso). Disponível em: <https://livros.arvore.com.br/biblioteca/livro/a-politica>. Acesso em: 11 mai. 2025.
- CUSICANQUI, Silvia R. **Ch'ixinakax utxiwa**: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. 1. ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Trad. de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017
- IACONELLI, Vera. **Manifesto antimaternalista**: Psicanálise e políticas da reprodução. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- MIRZOEFF, Nicholas. O Direito a olhar. **ETD – Educ. Temat. Digit.** Campinas, SP v.18 n.4 p. 745-768, 2016.
- NOGUERA, Renato. **Por que amamos**: O que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2021.

Shênia Mineiro Martins

Mestranda ProPed/Uerj, pesquisa narrativas digitais audiovisuais como suporte à divulgação científica. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura, bolsista CAPES.

Michelle Viana Trancoso

Doutoranda ProPed/Uerj, pesquisa narrativas digitais de mães que estudam, pesquisam e lecionam na Universidade. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura.

Pâmela Oliveira Veras

Doutoranda ProPed/Uerj, pesquisa tessituras de retalhos afetivos: Um encontro ancestral. Membro do EduStoryLab - Laboratório de Pesquisa em Histórias, Tecnologias e Educação na Ciberultura, bolsista CAPES.